

RUI PÉRICLES

O *SHOPPING*
ASSOMBRADO

coolbooks

1

Planos frustrados

Eram 2h00 e estava a chover. Um solitário Fiat Punto prateado percorria a estrada alcatroada, ladeada por descampados.

Mena abanava a cabeça ao som da música *pop* emitida pelo rádio. O namorado, Tó, mantinha os olhos na estrada iluminada pelos faróis enquanto conduzia. Ela mostrava-se estava entusiasmada, já que iam à discoteca.

A viagem durou mais 10 minutos. Depois, a voz feminina impessoal do GPS disse: «Chegou ao seu destino.»

– Hã?

Tó estacionou e olhou pela janela pontilhada de gotas de chuva. Estavam numa rua onde ao fundo se encontrava um centro comercial. Edifícios iguais desfilavam nos dois lados da estrada. Tinham um aspeto degradado, e os números de latão nas fachadas indicavam que se tratava de um bairro social. Apenas duas janelas em toda a rua estavam iluminadas.

Mena sentiu um arrepio. O bairro tinha todo o aspeto de um local onde seria provável ocorrer um assalto.

– Vamos sair daqui – aconselhou. – Não há qualquer discoteca.

– Mas a Célia nunca se engana – garantiu Tó, franzindo o sobrolho para o GPS. – É infalível.

Mena revirou os olhos.

– Por favor, vamos embora – insistiu. – Este sítio está a dar-me arrepios.

Tó virou-se no assento para olhar para trás, como se estivesse à espera de descortinar uma discoteca no meio da chuva torrencial. O casaco de couro rangeu quando ele se moveu, enquanto as gotas de chuva retumbavam no tejadilho a um ritmo constante.

– *Saiam do carro.*

A voz do GPS ressoou no interior do automóvel. Mas já não era uma voz feminina impessoal. Era um sussurro masculino, carregado de raiva.

Boquiabertos, Tó e Mena olharam fixamente para o aparelho.

– *Entrem no centro comercial* – ordenou a voz.

– Tó, o que se passa? – perguntou Mena, lançando um olhar acusador ao namorado. – Estás a pregar-me uma partida?

Tó abanou vigorosamente a cabeça.

– *Entrem no centro comercial* – repetiu a voz.

– Quem és tu? – perguntou Tó.

Durante um momento, apenas se ouviu o som da chuva. Depois, o motor do carro começou a roncar.

Mena tentou abrir a porta, mas esta trancou-se com um estalido.

Antes que algum deles tivesse tempo de se segurar, o carro arrancou – tal qual o ímpeto de uma rolha que salta de uma garrafa de champanhe. O velocímetro marcou 120 km/h, depois 130...

As portas duplas de vidro do centro comercial aproximavam-se a uma velocidade vertiginosa. Não tiveram tempo de se preparar para o embate. Houve um estrondo e estilhaços de vidro voaram por todo o lado, seguidos do chiar dos pneus no chão do centro comercial escuro.

O carro parou bruscamente. O *airbag* inchou na cara de Mena. A mão dela dirigiu-se ao manípulo da porta e, desta vez, conseguiu abri-la. Saiu. Os pés pisaram pedaços de vidro. Contornou o Fiat amolgado e ajudou Tó a sair do lugar do condutor.

– O que é que aconteceu? – perguntou ele. Um fio de sangue escorria-lhe do nariz.

Mena abanou a cabeça, demasiado atordoada para falar. Dirigiu-se à montra de uma loja de roupa chamada *Modas da Sue*, sobre a qual estava um letreiro luminoso que indicava uma saída de emergência à esquerda. Dois manequins pretos pareciam fitá-la. Viu o seu reflexo no vidro. O cabelo preto e comprido estava todo desgrenhado e tinha um olho negro.

O reflexo ensanguentado de Tó surgiu ao lado do dela. O cabelo louro do namorado parecia ter sido substituído por um monte de palha.

– Mena – disse ele, agarrando a mão húmida dela.
– Temos de sair daqui.

Viraram-se na direção das portas automáticas.

– Como? – perguntou ela num fio de voz. – Como é que vamos sair?

As portas estavam intactas. Não havia um único pedaço de vidro no chão. O carro tinha desaparecido.

Estavam fechados no centro comercial.

2

Manequins

– Não pode ser – disse um incrédulo Tó.

A namorada fechou os olhos e abanou a cabeça, convencida de que estava a ter alucinações.

Abriu os olhos. Nenhum sinal do carro. Teria imaginado? Teria sonhado tudo? Beliscou o braço, e a dor assegurou-a da realidade da situação.

Um som suave atrás de Mena fê-la voltar-se. Semicerrou os olhos, tentando vislumbrar qualquer movimento na penumbra, mas não conseguiu vislumbrar nada.

Foi então que algo lhe chamou a atenção. A montra da loja de roupa estava vazia e não qualquer havia sinal dos manequins.

– Tó... – murmurou, agarrando o braço do namorado e apontando para a montra escura. – Olha.

– Onde é que...

A pergunta dele foi subitamente interrompida. Mena olhou para o namorado e percebeu imediatamente porquê.

Uma mão preta cobria a boca de Tó. A princípio, ela pensou que se tratava de uma mão enluvada. Depois, viu o rosto atrás dele. Um rosto negro e expressivo, sem olhos. Um dos manequins da loja de roupa.

Antes de poder processar o que estava a ver, lembrou-se que eram dois. Então, onde estava o outro? A resposta surgiu-lhe na forma de um pontapé nas costas. Um chute violento que a projetou para o chão, mas Mena conseguiu amortecer a queda com as mãos.

Virou-se para ver o outro manequim atrás dela. Antes que se conseguisse levantar, ele curvou-se e agarrou-lhe os cabelos com as suas mãos negras como carvão. Forçou-a a levantar-se.

A dor espalhou-se pelo couro cabeludo de Mena, obrigando-a a gemer. O manequim apertou-lhe os ombros com uma força hercúlea e ela gritou. Depois, começou a empurrá-la. O som dos pés dele ressoava alto no chão. Um segundo par de pés de plástico juntou-se-lhe. Tó estava também a ser empurrado.

A marcha forçada decorreu durante vários minutos até Mena perceber para onde eles estavam a ser conduzidos. Aproximavam-se de um varandim que dava para o andar térreo do centro comercial, onde havia uma fonte.

Mena percebeu exatamente o que estava prestes a acontecer. Os manequins iam empurrá-los do varandim e as hipóteses de eles sobreviverem eram mínimas.

Dois pensamentos cruzaram a mente dela. Primeiro, o que estava a acontecer era ridículo, assemelhando-se mais a um pesadelo grotesco do que à realidade que

ela estava a viver. Depois, decidiu que não ia morrer às mãos de um estúpido manequim que tinha ganhado vida de forma misteriosa.

O que não decidiu foi como é que o poderia fazer. O manequim levantou-a facilmente do chão e largou-a sobre o varandim.

Esperava-a uma queda de 15 metros. Sobreviveria?